ANTE ENGENHOS E METALÚRGICAS: UM A ANÁLISE DOS LUGARES DE MEMÓRIA DOS TRABALHADORES EM PIRACICABA DURANTE O SÉCULO XX

Fabiana Ribeiro de Andrade Junqueira[1]

Resumo

Os lugares de memória da classe obreira no Brasil são inúmeros e diversificados. Alguns marcaram rotineiramente a vida dos trabalhadores, outros compuseram a trajetória dos proletários apenas em um episódio. Não foram muitos os locais frequentados e apropriados pelos trabalhadores que sobreviveram ao tempo. No campo de batalha de memórias, os lugares do mundo do trabalho por vezes foram negligenciados e em poucos casos celebrados, mas cada um deles são partes constituintes do processo de formação da classe trabalhadora. Buscando ampliar o conhecimento sobre a ação dos trabalhadores nas pequenas e médias cidades, e procurando estimular uma reflexão sobre os espaços onde vivemos e como sua história e memória são tratadas, esse artigo pretende analisar alguns desses lugares de memória dos trabalhadores no município de Piracicaba, demonstrando que, além de conter as marcas das experiências obreiras, os muitos engenhos de açúcar e fábricas metalúrgicas, dentre outros, que caracterizaram o cenário piracicabano, revelam as singularidades da história da classe trabalha-

[1]Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

dora nessa cidade, e também as suas conexões com o movimento operário dos grandes centros urbanos do país no século XX.

Palavras-chaves
Piracicaba - classe operária - lugares de memória.

ABSTRACT

The places of memory of the working class in Brazil are numerous and diverse. Some routinely marked the lives of workers, others were part of the trajectory of proletarians only in one episode. Not many places frequented and appropriated by the workers have survived time. In the battlefield of memories, the places of the world of work have sometimes been neglected and in a few cases celebrated, but each of them are constituent parts of the working class formation process. Seeking to expand the knowledge about the action of workers in small and medium-sized cities, and seeking to stimulate a reflection about the spaces where we live and how their history and memory are treated, this article intends to analyze some of these places of memory of workers in the municipality of Piracicaba, demonstrating that, besides containing the marks of the workers' experiences, the many sugar mills and metallurgical factories, among others, which characterized the Piracicaba scenario, reveal the singularities of the history of the working class in this city, and also its connections with the labor movement in the large urban centers of the country in the 20th century.

Key words
Piracicaba - working class, places of memory.

A CLASSE TRABALHADORA E OS SEUS LUGARES DE MEMÓRIA EM PIRACICABA[2]

A classe trabalhadora e os seus lugares de memória em Piracicaba
A imagem mais corrente do estado de São Paulo no advento do século XX é a das grandes fazendas cafeeiras com centenas imigrantes italianos. De fato, a capital, durante a Primeira República, atraiu muitos desses trabalhadores e suas crescentes indústrias, particularmente as enormes tecelagens, como a do famoso industrial Rodolfo Crespi, transformaram muitos camponeses em operários. Entretanto, tal cenário não corresponde à complexidade da metrópole, que recebeu, além de italianos, muitos espanhóis e portugueses, alguns deles com experiências em fábricas na Europa[3]. São Paulo também agregou uma gama de outros ramos industriais além da indústria têxtil, e em muitas fábricas a presença de operários brasileiros foi encontrada[4]. Assim como o quadro da capital paulista foi heterogêneo, o da expansão cafeeira e a mão de obra rural também está bem longe de totalizar a realidade dos pequenos e médios municípios do interior do estado nesse período.

Piracicaba possui conexões com a história da cidade e do estado de São Paulo, mas também mantém singularidades. Entre o final do século XIX e início do XX, o café chegou a tomar quase completamente algumas cidades do interior paulista como, por exemplo, Campinas, desalojando grande parte das principais culturas ali produzidas. Todavia, a expansão cafeeira não se desenvolveu com a mesma intensidade em Piracicaba que, desde a sua fundação, em 1767, até hoje, teve na cana-de-açúcar uma importante base de sustentação econômica[5]. O peso do açúcar deixou no cenário piracicabano dois imponentes estabelecimentos: o

[2] O Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT) vem publicando uma série de pesquisas sobre os lugares de memória dos trabalhadores no Brasil. No blog do LEHMT o leitor poderá encontrar informações sobre os lugares de memória dos trabalhadores em diferentes regiões do Brasil. Embora não haja informações sobre o município de Piracicaba dentre essas publicações, os trabalhos do LEHMT inspiraram o presente artigo. Consultar: Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho(lehmt.org)

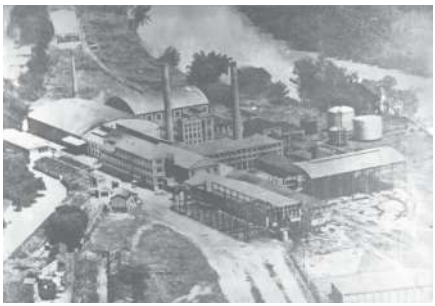
[3]HALL, Michael. "A imigração na cidade de São Paulo", In: Porta, Paula (org.). História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, v. 3.

[4]Ver: BATALHA, Cláudio. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

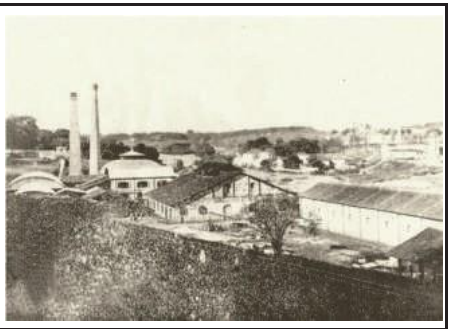
[5]RAMOS, Pedro. História Econômica de Piracicaba (1765-1930): as particularidades do complexo canavieiro paulista. In: TERCI, Eliana Tadeu (org). O Desenvolvimento de Piracicaba. História e Perspectivas. Piracicaba: Editora UNIMEP,2001.

Engenho Central de Piracicaba, fundado em 1881, e o Engenho Central de Monte Alegre inaugurado em 1887. Foi comum as duas culturas - cana e café - coexistirem em uma mesma propriedade, inclusive nas terras desses dois engenhos[6]. Além das fazendas cafeeiras e dos grandes canaviais, a cidade cultivou o algodão, que experimentou um breve período de prosperidade entre 1860 e 1870, e também produziu uma significativa quantidade de cereais, como o milho, de cítricos, como a laranja, uma variedade de hortaliças e muitos outros produtos. O quadro policultor, que predominou aproximadamente até 1930, estimulou alguns ramos industriais no município e a presença de trabalhadores de diferentes ofícios[7]. Diversa também foi a mão de obra no interior dos engenhos que contavam um setor de maquinário onde trabalhavam mecânicos, caldeireiros e fundidores, e com uma extensa plantação canavieira, na qual dedicavam-se os lavradores.

O Engenho Central é hoje um ponto turístico e espaço cultural da cidade - patrimônio tombado pelo Codepac (1989) e pelo Condephaat (2014). Existem ainda vestígios materiais da Usina Monte Alegre e todo o bairro no qual a usina está localizada é um importante patrimônio histórico do município.



Engenho no Bairro Monte Alegre Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Piracicaba, SP.



Engenho Central de Piracicaba . Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Piracicaba, SP.

Na batalha de memórias e na celebração desses espaços, poucas referências são feitas àqueles que ali um dia trabalharam, mas os dois engenhos foram palco

[6]TERCI, Eliana Tadeu. A cidade na Primeira República: imprensa, política e poder em Piracicaba. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1997.
[7] Ver: BILAC, Maria Beatriz Bianchini, TERCI, Eliana Tadeu, PADILHA, Danieli Alves, MAESTRELLO, Ana Paula Vedovato. Piracicaba A aventura desenvolvimentista (1950-1970). Piracicaba: UNIMEP, 2001.

de lutas e resistências da classe obreira durante o século XX. No ano de 1917 foi deflagrada a primeira greve geral dos trabalhadores de Piracicaba, acompanhando a ação proletária de diversas unidades da federação e os trabalhadores dos dois principais engenhos do município protagonizaram a parede.

A greve começou em São Paulo com as mulheres operárias do Cotonifício Crespi, mas rapidamente ganhou a adesão dos outros operários deste cotonifício, depois de outras fábricas da capital, e ainda de outros ramos e terminou alcançando diversas cidades do interior e até mesmo outros estados do Brasil[8]. Os trabalhadores piracicabanos compuseram esse cenário nacional de lutas e paralisaram suas atividades em prol das jornadas de 8 horas de trabalho diário, pela regulamentação do trabalho feminino, pela abolição do trabalho infantil, além do aumento salarial. Foi a primeira greve a paralisar todos os setores do município, até mesmo o comércio e os bondes não prestaram serviços. Com a cidade completamente em silêncio, a classe trabalhadora surgia no cenário urbano com os braços empunhados ao alto e as mãos fechadas, estrondeando as suas palavras de ordem. A greve durou três dias e começou com a mobilização dos trabalhadores do Engenho Monte Alegre que, um dia antes da decretação da greve geral no Largo da Matriz, conquistaram um primeiro aumento salarial. De acordo com o *Jornal de Piracicaba:*

> Ontem pela manhã, a polícia teve notícia de que um grupo de pedreiros e carpinteiros do Engenho Monte Alegre, postados na estrada que conduz aquele estabelecimento, pretendiam impedir que outros operários fossem trabalhar. O dr delegado de polícia dirigiu-se para o local, aconselhou calma aos grevistas e foi conferenciar com o sr comendador Puglisi no importante estabelecimento industrial. O comendador Puglisi declarou ao senhor Negreiros Guimarães que nenhuma reclamação havia recebido da parte dos seus operários, a grande maioria dos quais se achava em seus postos, trabalhando. Estava porém, disposto a ouvir as reclamações que, porventura, lhe trouxessem e fez afixar um boletim, anunciando desde logo o aumento de 10% nos salários de todos os empregados, aumentando de 1000 em cada carroçada de cana etc. O procedimento do

[8]BIONDI, Luigi; TOLEDO Edilene. Uma revolta urbana: a greve geral de 1917 em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

> importante industrial foi muito favoravelmente comentado em várias rodas de pessoas que tiveram conhecimento do fato[9].

O mesmo jornal também sinaliza que o término do movimento grevista só ocorreu quando foi fechado um acordo entre o gerente do Engenho Central e os trabalhadores desse estabelecimento. A imprensa, representada na figura do jornalista Pedro Krähenbühl foi importante no desenvolvimento da negociação:

> ...Pretendiam os operários dar uma solução rápida a greve e para isso solicitaram os bons ofícios da gerencia do Engenho, no sentido de ser concedido aos operários daquele estabelecimento o aumento de salários já concedido por outros industriais, inclusive pelo Engenho Monte Alegre. O dr Pedro Krähenbühl representando a comissão operária e o Sr Antonio Padua de Almeida Prado, comissionado pelos drs juiz de direito e delegado de polícia, dirigiram-se então ao Engenho, onde foram cavalheirosamente recibo pelo diretor gerente daquele estabelecimento industrial (o dr Kock)[10].

E termina:

> As 17 horas reuniu-se a referida comissão nos altos da redação dessa folha, e o Dr Pedro Krähenbühl lhe expôs o que se havia passado, apresentando ao mesmo tempo a proposta do Dr Kock que foi imediatamente aceita. Em seguida, redigiu-se um boletim que, assinado por todos os membros da comissão foi largamente distribuído pela cidade, aconselhando os operários a voltarem hoje ao trabalho[11].

[9]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 17 de jul 1917. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[10]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 19 jul. 1917. Parênteses adicionados pela autora. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[11]Idem.

O destaque dado pelo *Jornal de Piracicaba* e pela *Gazeta de Piracicaba* durante todo o movimento grevista à situação no interior do Engenho Central e do Engenho Monte Alegre, sugere tanto que esses eram os principais estabelecimentos da cidade, como também aponta para o protagonismo dos trabalhadores dos dois engenhos no movimento grevista. Os comícios feitos na praça pública e as caminhadas com mais de mil trabalhadores pelas estreitas ruas do centro de Piracicaba são marcas dessa greve e do nascente movimento operário do município.

Durante o movimento grevista, no dia 17 de julho de 1917, um grande cortejo de operários saiu do Largo da Matriz, passou pelo salto de Piracicaba, depois em frente à fábrica de tecidos, chamada Arethusina, e seguiu para a Vila Rezende, onde estava localizado o Engenho Central[12]. A escolha dos lugares por onde passou o cortejo não foi um acaso, pois demarcou os espaços de trabalho que estavam fechados e para os quais se reivindicavam melhorias. Grandes cortejos de trabalhadores como o de Piracicaba, já haviam sido realizados na capital paulista dias antes. A escolha do Largo da Matriz como ponto para a realização dos comícios dos piracicabanos também seguiu uma estratégia do movimento operário de diversas regiões do Brasil e teve como objetivo ocupar os pontos centrais da cidade, principalmente aqueles frequentados pelas elites, para chamar atenção para o movimento grevista e angariar apoio da população à greve. Em São Paulo vários comícios foram realizados na praça da Sé[13].

O Engenho Central, o Engenho Monte Alegre e o Largo da Matriz foram espaços de luta e resistência da classe obreira em Piracicaba, mas não foram os únicos lugares que demarcaram a presença dos trabalhadores na cidade durante as primeiras décadas do século XX. A Sociedade Beneficente Operária foi uma entidade que apoiou o movimento grevista de 1917, sua bandeira foi levantada pelos trabalhadores durante a caminhada pelo município e sua sede própria, na rua Voluntária de Piracicaba número 435[14], foi parada obrigatória do cortejo piracicabano[15]. As sociedades de mútuo socorro desempenharam um papel importante no interior do movimento operário em São Paulo e também em Pira-

[12]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 18 jul. 1917. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[13]BIONDI, Luigi; TOLEDO Edilene, Op Cit.
[14]ELIAS NETO, Cecílio. "Anarquismo em Piracicaba". In: A Província, https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/almanaque/anarquismo-em-piracicaba-24131/ , acessado em 23/05/2020
[15]Jornal de Piracicaba, Piracicaba,18 julho. 1917. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.

cicaba, grande parte delas com características étnicas. Na capital, ajudaram a representar muitos operários das categorias que ainda não contavam com um sindicato, extrapolando a função assistencialista, como, por exemplo, na ajuda funerária aos sócios e se empenhando na luta por direitos no mundo do trabalho[16]. Em Piracicaba, a Sociedade Beneficente Operária era a principal organização proletária até julho de 1917. No mês de agosto[17], como resultado de greve geral, foi criada a Liga Operária de Piracicaba[18].

Desde a constituição de 1824, no Império só era permitido aos trabalhadores se organizarem em sociedades de mútuo socorro, o advento da República transformou essa realidade e admitiu a criação de sindicatos que eram também denominados centros, ligas ou uniões. Houve no Brasil, entre 1889 e 1930, uma proliferação dessas associações que poderiam ser pluriprofissionais, por ofício ou ramo de atividade[19]. A greve geral de 1917 também estimulou a criação de uma série de novos sindicatos e agremiações sindicais, como a Federação Operária do Estado de São Paulo, que havia sido fundada em novembro de 1905, mas dadas inúmeras dificuldades, desapareceu em 1912 e ressurgiu como um dos resultados do movimento paredista de 1917[20]. O surgimento da Liga Operária de Piracicaba se enquadra nessa conjuntura histórica, e foi uma organização que reuniu trabalhadores dos engenhos, das tecelagens e metalúrgicas. O encontro de fundação da Liga ocorreu na Rua Moraes Barros, número 69[21], dois anos depois temos o registro que sua sede estava localizada na rua Prudente de Moraes[22].

Os membros fundadores da Liga Operária de Piracicaba participaram ativamente do movimento grevista de 1917, e foi da janela do Hotel Central da cidade, ao lado da Matriz, que muitos deles discursaram para seus companheiros, tentando manter a união entre eles até o final da parede:

[16]Ver: BIONDI, Luigi. Classe e Nação: Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo. Campinas: UNICAMP, 2011.
[17]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 07 agost. 1917. Biblioteca Municipal de Piracicaba , Piracicaba, SP.
[18]PACANO. F. A. O Forjar da Modernidade: Piracicaba e a Belle Époque Caipira (1989-1930). Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociência e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNESP. 2018
[19]BATALHA, Cláudio. Op Cit
[20]BIONDI, Luigi; TOLEDO Edilene, Op Cit.
[21]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 07 agost. 1917. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[22]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 04 jul. 1919. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.

> As 19 horas os grevistas chegaram, de regresso ao Largo da Matriz. Ali o operário Benedito João de Camargo assomado a uma janela do Hotel Central, falou concitando seus companheiros a se dispersarem com calma e em ordem e a comparecerem hoje, as 7 horas novamente no Largo da Matriz[23].

O Hotel Central, foi, inicialmente, residência do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, e posteriormente foi transformado em hotel por Janjão de Castro. O local foi palco de recepções de muitos membros da elite do estado de São Paulo e também do Brasil durante o século XX, se eternizando, dessa maneira, na memória dos piracicabanos. O Hotel foi demolido antes da conclusão do processo de tombamento em 1982[24], e assim como a Liga Operária, infelizmente, não existem mais vestígios materiais desse lugar e das lutas que os trabalhadores ali travaram[25].



Hotel Central, localizado ao lado da Igreja Matriz. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Piracicaba, SP.

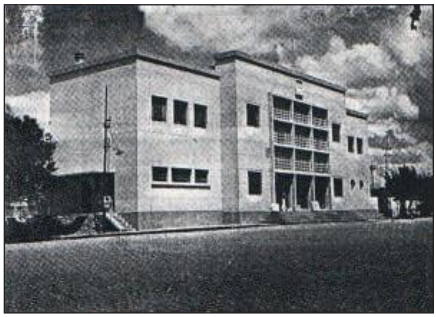
Dois anos depois da parede de 1917, nova greve geral foi deflagrada pelos trabalhadores piracicabanos. Dessa vez, a greve começou em solidariedade e após a paralisação de outra importante categoria do município: os ferroviários[26]

[23]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 18 jul. 1917. Grifos da autora. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[24]ELIAS NETO, Cecílio. "Hotel Central, joia perdida". In: A Província, https://www.aprovincia.com.br/icen/conteudo-noticias/hotel-central-joia-perdida-24994/, acessado em 21.05.2020.
[25]De acordo com o escritor João Chiarini, na década de 1950, o prédio da Sociedade Beneficente Operária foi cedido aos estudantes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Esalq que ali montaram suas repúblicas. Nos anos 1960, os estudantes ingressaram com uma ação de uso capião. Ver: A Província, 6 a 11 de agosto de 1988, Piracicaba, Acervo Cecílio Elias Netto. Instituto Cecílio Elias Netto (ICEN). Piracicaba-SP
[26]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 05 jul.1919. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.

Desde 1877 Piracicaba contava com a estação de trem da Cia Ytuana. No ano 1892, a Cia Sorocabana absorveu a Ytuana. Durante algum tempo foi denominada de Sorocabytuana, mas de 1905 até 1971 foi nomeada Estrada de Ferro Sorocabana. A primeira estação estava localizada no Bairro Alto, entre as ruas Moraes Barros e XV de Novembro, mas foi demolida pouco tempo depois da inauguração da nova estação em 1885. O local onde era essa antiga estação abriga hoje o grupo escolar E.E. Alfredo Cardoso. A nova estação passou a funcionar efetivamente em 1886, na margem direita do córrego Itavepa, que nos anos 1950 foi canalizado, possibilitando a construção da Av. Armando Salles de Oliveira, uma das vias centrais da cidade. O edifício da estação foi completamente reformado na década de 1940 e hoje ostenta muito da aparência edificada nessa reforma. A Estrada de Ferro Sorocabana funcionou até a década de 1970 e de 1991 até 2017 o edifício serviu como sede do centro de controle de operações do sistema coletivo de ônibus de Piracicaba. Ao lado, está situado o terminal de ônibus urbanos[27].



Estação Sorocabana, 1892 – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Piracicaba, SP.



Novo prédio da estação de Piracicaba em 1944. Relatório da Sorocabana de 1945. Foto retirada do site: http://www.estacoesferroviarias.com.br/p/piracicaba.html

[27]Informações coletadas do site: http://www.estacoesferroviarias.com.br/p/piracicaba.html; acessado em 21/05/2020.



Estação de Piracicaba, já com o terminal de ônibus no ano 1998 – Foto Ralph M. Giesbrecht
retirada do site: http://www.estacoesferroviarias.com. br/p/piracicaba.html

No mês de julho 1919, a estação de trem da Sorocabana em Piracicaba ficou paralisada, nenhum trem saiu nem entrou na cidade, e o *Jornal de Piracicaba* descreveu:

> ...Na estação local abandonaram o serviço os telegrafistas, maquinistas, foguistas e outros empregados. Está paralisado por esse motivo, além do serviço de bagagens e cargas, o telegrafo. Ao que parece o movimento grevista se alastra por toda a estrada[28].

Os trabalhadores da ferrovia pediam 30% de aumento no ordenado e a jornada de 8 horas de trabalho[29]. A mobilização estimulou uma nova greve geral em Piracicaba, da qual novamente participaram os trabalhadores do engenho e, apesar do movimento grevista das demais categorias durar apenas um dia, tendo sido rapidamente desarticulado pela polícia, com ajuda da imprensa, os ferroviários de diversas cidades, incluindo da capital, mantiveram-

[28]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 02 de jul. 1919. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[29]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 04 jul. 1919. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP

-se firmes na greve que durou do dia 1 até o dia 10 de julho de 1919, quando a Cia Sorocabana atendeu ao aumento do salário e a redução da jornada dos trabalhadores[30]. Na década de 1960, novamente os trabalhadores da ferrovia tornaram-se notícia do *Jornal de Piracicaba*, nessa época uma figura singular chamou atenção para o movimento grevista, o então prefeito da cidade: Francisco Salgot Castillon. Salgot, como era popularmente chamado, se deitou nos trilhos do trem da Sorocabana no dia 03 de outubro de 1963 em sinal de apoio aos ferroviários que pediam melhores condições de trabalho[31]. O prefeito é recorrentemente lembrado no município pela sua próxima relação com a classe obreira, e alguns dos lugares de memória dos operários após a Segunda Guerra Mundial, como veremos um pouco mais adiante, possuem uma relação estreita com essa figura política.

As greves gerais de 1917 e 1919 também foram protagonizadas por trabalhadores de dois outros importantes estabelecimentos. A fábrica Arethusina e a Casa Krähenbühl, eram recorrentemente citadas pelo *Jornal de Piracicaba* durante esses dois movimentos paredistas. A tecelagem que se chamou Santa Francisca, depois Arethusina e finalmente Fábrica Boyes, foi fundada por Luiz Vicente de Sousa Queiroz, o mesmo idealizador da Escola Agrícola de Piracicaba (1901), que hoje, denominada Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/ESALQ, é um campus pertencente à Universidade de São Paulo/USP[32]. O empreendimento começou a operar em 1876 com 70 trabalhadores que produziam cerca de 600 a 700 mil metros de algodão por ano. Essa unidade produtiva funcionou durante grande parte do século XX e passou por vários proprietários até decretar falência[33]. Hoje, seus vestígios materiais são tombados pelo município, embora não haja ações efetivas para sua preservação. Já a Casa Krähenbühl que produzia trolleys e tiburis, foi fundada em 1870 por Pedro Krähenbühl, e contava com 40 operários. Entre o final do século XIX e início do XX a família Krähenbühl, de origem suíça, instalou uma carpintaria, uma serraria e uma ofi-

[30]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 10 jul. 1919. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[31]A Província, Piracicaba, 30 de Abril a 06 de Maio. 1989. Acervo Cecílio Elias Neto. ICEN, Piracicaba, SP
[32]GUERRINI, L. História de Piracicaba em quadrinhos. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970
[33]NETTO, Cecílio Elias. A secular "fábrica". A Província. Disponível em: A secular "fábrica" - A Província - Paixão por Piracicaba (aprovincia.com.br). Acesso em: 13 de março de 2021. Ver: NETTO, Cecílio Elias. Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000

cina mecânica, que além da fundição do bronze, fabricava fogões e arados[34]. A fábrica completou 100 anos em maio de 1970, ocasião em que foi publicada uma reportagem sobre o percurso dessa empresa no jornal *O Estado de São Paulo*[35], no entanto, do início do século XX restaram poucos vestígios do estabelecimento, há fontes iconográficas e algumas referências em periódicos locais e estaduais.

O passado Casa Krähenbühl e a história de seus trabalhadores foram ofuscados pelo surgimento de uma grande metalúrgica, ativa até hoje: a Dedini - que na década de 1940 comprou a mecânica Krähenbühl. Fundada pelo imigrante italiano Mario Dedini, a oficina, que levou o sobrenome do seu proprietário, surgiu em 1920 com apenas 8 operários que fabricavam e reparavam utensílios agrícolas[36]. A trajetória dessa fábrica, que se tornou uma grande companhia nacional após a Segunda Guerra Mundial, revela aspectos singulares da história do município. Piracicaba, até 1930, manteve características de um centro policultor. Particularmente após 1933, com a criação do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), que beneficiou a cidade com uma série de medidas, entre elas algumas isenções fiscais, se iniciou no município um processo de expansão da monocultura canavieira e também de aparelhamento dos engenhos que foram transformados em modernas usinas[37].

Durante a Segunda Guerra Mundial, o comércio de cabotagem, por meio do qual se realizava grande parte das transações econômicas no Brasil, ficou seriamente prejudicado. Esse fato incentivou algumas áreas a produzirem parte das mercadorias que antes eram importadas de outros estados, e contribuiu para que São Paulo, estado que já vinha passando por um intenso processo de urbanização e industrialização, se tornasse, no Pós-Guerra, o maior centro produtor de açúcar do país[38]. Piracicaba, que já possuía sólida trajetória nesse ramo, viu

[34]KRAHENBUHL, Hélio. Almanaque de Piracicaba de 1955. Piracicaba: Editora João Mendes Fonseca, 1955.
[35]O Estado de São Paulo, São Paulo, 03 maio. 1970. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). São Paulo.
[36]NEGRI, Barjas. Estudo de Caso da Indústria Nacional de Equipamentos – Análise do Grupo Dedini (1920-1970). Piracicaba-SP. Editora Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, IHGP. 2010.
[37]BILAC, Maria Beatriz Bianchini, TERCI, Eliana Tadeu, PADILHA, Danieli Alves, MAESTRELLO, Ana Paula Vedovato. Piracicaba: A aventura desenvolvimentista (1950-1970). Piracicaba: Ed UNIMEP, 2001.
[38]SZWRECSANYI, Támas. Contribuição à análise do planejamento da agroindústria canavieira no Brasil. Tese de Doutoramento apresentado à UNICAMP. Campinas, 1976. QUEDA, Oriowaldo. A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista. Tese de doutoramento apresentado a Esalq/USP. Piracicaba, 1971.

aumentar as propriedades dedicadas à plantação canavieira e suas usinas começaram a ser amparadas pela fábrica de Mario Dedini. A fabriqueta, criada na segunda década do século XX, acompanhou as transformações da agroindústria sucroalcooleira e sofreu uma grande expansão entre os anos 1945-1960[39].

Durante o intervalo democrático no Brasil (1945-1964), acompanhando a transferência do eixo de produção de açúcar do Nordeste para a região Sudeste, a M. Dedini Metalúrgica como ficou, mais tarde, denominada a primeira oficina de Mario Dedini, passou a atuar junto com a Condistil – Construtora de Destilaria Dedini Ltda, que surgiu em 1943. Em 1948 surgiu a Mausa – Metalúrgica de Acessórios para Usinas. Em 1952 foi constituída a Cerâmica Dedini Ltda. Em 1955 surgiu a Siderúrgica Dedini S.A e em 1957 a Dedini-Capellari S.A Transformadores. O conjunto dessas indústrias foi denominado Grupo Dedini. A criação dessas fábricas permitiu que a empresa diversificasse seus produtos e passasse a projetar e a fabricar usinas completas para Piracicaba e demais cidades e estados do Brasil, o que a fez uma importante companhia nacional[40]. O que houve no município no Pós-Guerra, foi, portanto, uma conjugação entre o setor sucroalcooleiro e o metalomecânico[41]. Esse cenário delineou o processo de constituição do movimento operário e sindical da cidade que foi protagonizado por duas categorias operárias: os trabalhadores das usinas e os metalúrgicos[42].

O advento da Era Vargas transformou mais uma vez as formas de organização da classe trabalhadora. Em 1931 foi aprovado o decreto 19.770. Este decreto instituiu o modelo de sindicato único por categoria e região, a estrutura vertical por categoria (sindicato a nível local, federações no âmbito regional e confederações de abrangência nacional) e a tutela do Ministério do Trabalho sobre as entidades sindicais, com o poder de fiscalização das atividades e intervenção nas diretorias. Na época, o decreto foi censurado por muitos trabalhadores que viram no sindicato oficial uma tentativa de controle por parte do Estado. Contudo, a estratégia varguista de vincular os direitos sociais à sindicalização foi decisiva na atração da classe operária para este novo modelo de organização

[39]NEGRI, Barjas Op. Cit
[40]Idem.
[41]SAMPAIO, Silvia Selingardi. Geografia Industrial de Piracicaba: um exemplo de interação indústria-agricultura. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1973.
[42]JUNQUEIRA, Fabiana R de A, O movimento operário no interior paulista: uma análise das greves gerais de 1917 e 1919 em Piracicaba. Mundos do Trabalho, Florianópolis, v 12, p 1-21, 2020.

sindical, pois somente os associados aos sindicatos oficiais poderiam gozar dos benefícios que o governo oferecia[43].

Após a instituição da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943 e o fim Estado Novo, muitos trabalhadores, estimulados pelos ventos democráticos do Brasil e desejosos dos benefícios da nova legislação trabalhista, solicitaram ao governo a transformação de suas associações em sindicatos. Os trabalhadores em Piracicaba participaram desse processo de organização dos sindicatos oficiais do Brasil, e durante as décadas de 1940 e 1950 várias associações foram transformadas em sindicatos na cidade. Como exemplo podemos citar o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Piracicaba, fundado em 1948[44], e, dez anos mais tarde, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel e Papelão[45]. O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Piracicaba foi um dos primeiros a adquirir a carta de registro do Ministério do Trabalho, concedida em 1947[46].

Os trabalhadores dos engenhos e os metalúrgicos mantiveram sempre uma relação próxima no município. As fichas dos primeiros sócios e fundadores da Associação Profissional dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, fundada em 1945, revelam que, apesar da Dedini estar em franca expansão nessa época, não foram apenas os seus trabalhadores os responsáveis pela criação dessa primeira associação da categoria na cidade, participaram da sua fundação muitos caldeireiros, fundidores e mecânicos do Engenho Monte Alegre[47]. Em 1949, o ex-presidente da associação dos metalúrgicos foi encontrado pelos policiais do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) distribuindo panfletos nas fazendas desse engenho[48]. Os metalúrgicos, que cresciam numericamente no município, acompanhando o vertiginoso crescimento das indústrias

[43]GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. São Paulo: Vértice, 1988.
[44]Informações coletadas do site: http://www.sinticompi.com.br/ , acessado em 21/05/2020
[45]Informações coletadas do site: https://www.sintipel.org.br/quem-somos , acessado em 21/05/2020
[46]Carta de Registro. Arquivo Histórico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, localizado da sede administrativa do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Piracicaba na Rua Prudente de Moraes, número 914, Centro, Piracicaba.
[47]Fichas de Associação. Arquivo Histórico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[48]Relatório de 21/07/1949. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.

Dedini, foram paulatinamente se destacando no movimento operário e sindical. Essa atuação chamou a atenção do órgão de repressão. Em 1964 o DEOPS apontou para a categoria como sendo a mais extremista de Piracicaba[49], e, durante o Regime Militar, várias lideranças foram perseguidas[50]. Em 1950 foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação que incluía todos os trabalhadores das usinas de açúcar[51]. Ao longo da segunda metade do século XX, as duas categorias se apropriaram de diversos espaços do município e materializam suas lutas e resistências no cenário urbano da cidade.

Durante as primeiras décadas da organização sindical, foi comum os trabalhadores piracicabanos se reunirem em pequenos imóveis alugados, a sede própria foi uma conquista que levou anos para se concretizar entre a maioria das categorias. No caso dos metalúrgicos, houve várias sedes locadas, a primeira a abrigar a Associação dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, em 1945, localizava-se na Rua Alferes José Caetano, número 1084[52], depois, já na década de 1950, os sindicalistas compraram uma pequenina casa na Rua Benjamin Constant, número 1355[53]. As palavras de um operário e ex-diretor do sindicato, recordam a compra dessa primeira casinha e retratam a importância dos espaços para a troca de ideias entre os trabalhadores:

> Saiu uma casinha lá e...um cara estava vendendo. O cara que morava lá perto. Então nós fomos ver a casa, era embaixo, em cima, tinha 02 quartos. Abrimos...Derrubamos a parede e ficou um salãozinho só. Para reunião da diretoria, porque para reunião de associados não dava. Então ficava só trocando ideia a diretoria. E levava a conhecimento dos associados. Depois foi

[49]Relatório de 05/08/1963. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. In: Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.
[50]VICENTINI, Beatriz (org). Piracicaba 1964 O Golpe militar no interior. Piracicaba: Editora UNIMEP. 2014.
[51]Informação coletada do site: http://stiap.com.br/stiap/quem-somos/ , acessado em 23/05/2020
[52]Boletim de Caixa de 1945. Arquivo Histórico do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[53] Ata de Posse de 1959 anexa a pasta Processo Eleitoral do Sindicato. Arquivo Histórico do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

> indo, ai quando a gente se reunia, se reunia mais na sociedade italiana[54].

A fala do metalúrgico aposentado retrata como até 1960, quando a direção do sindicato começou a construir um prédio na Rua Prudente de Moraes, 914, os trabalhadores compartilhavam da dificuldade para realizar congressos e assembleias que geralmente demandavam horas, com um número grande de operários. Tal fato, contribuiu para que muitos eventos ocorressem em outros espaços fechados da cidade, como o ginásio de esporte e alguns teatros, como o da *Societá Italiana di Mutuo Socorso* citada pelo trabalhador. Porém, mais uma vez, esses locais não foram escolhidos ocasionalmente, alguns deles marcaram profundamente o processo de constituição da classe operária do município.

O Ginásio Municipal de Esportes Waldemar Blatkauskas foi inaugurado em 1955. Ao seu lado está o estádio de futebol Barão de Serra Negra e, juntos com a piscina e o mini-ginásio, formam o Conjunto Esportivo Municipal localizado no quadrilátero formado pela Av Independência e pelas Ruas Moraes Barros, Silva Jardim e 13 de Maio. A cidade contava desde 1949 com o Estádio de Futebol Roberto Gomes Pedrosa e em 1965, sob gestão do prefeito Luciano Guidotti, o novo estádio Barão de Serra Negra foi inaugurado. Todavia, foi o prefeito Francisco Salgot Castillon quem, no início dos anos 1960, se interessou pela obra:

> ...o atual Prefeito Dr Salgot Castillon, pretende construir no antigo bosque doado à cidade pelo Barão de Serra Negra, onde já se localiza o grande Ginásio de Esportes levantando ao tempo da administração do Dr Samuel Neves e Dr João Basílio[55].

Francisco Salgot Castillon foi prefeito de Piracicaba em 1959 e 1968 e, além do estádio, foi responsável por diversas construções, como, por exemplo, o parque do mirante, outro importante ponto turístico da cidade. Entretanto, sua trajetória esteve fortemente vinculada ao movimento operário e sindical. Foi vigia-

[54]Entrevista com o operário metalúrgico Essio Christofolleti. A transcrição e áudio dessa entrevista podem ser consultados no Arquivo Histórico do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

[55]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 02 nov. 1960. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.

do de perto pelo DEOPS que o acusou de inflamar a classe trabalhadora, e em 1969 foi cassado pelo Regime Militar que, após ter salientado sua participação em piquetes e greves na cidade, suspendeu seus direitos políticos por 10 anos[56]. As fontes iconográficas preservadas pelo sindicato apontam que Salgot, apesar de não ser um político emanado do meio operário, participou de várias assembleias junto aos metalúrgicos. Uma assembleia de homologação de acordos ocorrida no mês de abril de 1962 reuniu grande número de operários no Ginásio de Esportes no qual foi montado um palanque para discursos, sendo que um deles foi proferido pelo prefeito. O espaço, que objetivava atender atletas e servir como local de entretenimento da população, se transformou em um palco da classe obreira.



Assembleia dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba no Ginásio de Esportes em 1962. Arquivo Histórico dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba-SP

Foi no ginásio municipal que os metalúrgicos puderam travar relações políticas importantes. Longe da imagem caricata do político populista que reforça aspectos como o carisma e a manipulação das massas trabalhadoras, a relação do prefeito com a classe proletária pode ser interpretada como uma via de mão dupla. Se, por um lado, o prefeito buscou apoio de uma parcela da população que poderia lhe servir como base eleitoral, por outro, os operários buscavam na política suporte para a conquista de suas reivindicações[57]. Em um dos relatórios do DEOPS o policial assinala que em uma assembleia o prefeito foi duramente cri-

[56]ELIAS NETO, Cecílio. "Francisco Salgot Castillon". In: A Província, https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/gente-nossa/francisco-salgot-castillon-3025/ , acessado em 22/05/2020.
[57]DUARTE, Adriano Luiz. O direito à cidade: trabalhadores e cidadãos em São Paulo (1942-1953). São Paulo: Alameda, 2018.

ticado por alguns trabalhadores que o acusaram de ser um político aventureiro e caçador de votos[58]. O depoimento de um agente infiltrado do DEOPS demostra como não havia passividade por parte dos obreiros. Por outro lado, o apoio ao prefeito, convidado a comparecer em diferentes eventos do movimento sindical, permitiu que algumas demandas da classe trabalhadora fossem finalmente atendidas pela prefeitura. Foi Salgot quem, enquanto prefeito, fez a doação do terreno para que os metalúrgicos construíssem, com a ajuda voluntária dos sócios, uma sede para o seu sindicato.

Assembleias como essa de 1962 no ginásio também fortificaram o vínculo entre os operários, possibilitando que dois anos depois irrompessem a maior greve da categoria. No mês março de 1964, poucos dias antes da deflagração do Golpe Civil-Militar no Brasil, cerca de mil e quinhentos metalúrgicos piracicabanos se reuniram no Ginásio[59] e, nessa assembleia, decidiram pela primeira greve setorial do município. O movimento paredista ocorreu do dia 1 ao dia 4 de Março de 1964, e reivindicou o aumento salarial para os metalúrgicos das grandes e pequenas fábricas da cidade. Ao final, apenas as grandes empresas conseguiram atender ao aumento de 90% solicitado, mas a greve marcou a memória e a história da classe trabalhadora que paralisou, pela primeira vez, todas as metalúrgicas, incluindo a imponente companhia Dedini. O dia da decretação da greve no ginásio, tomado por centenas de operários, é ainda lembrado por muitos proletários, nas palavras de um deles:

> Marcamos a assembleia no ginásio. Então no sábado o Jaime convocou a diretoria, viemos aí, ele mostrou uma carta que a Dedini mandou. Grupo Dedini, quando eu falo Dedini. Mandou... Nós estávamos pedindo 90%. Que eles concordavam em pagar os 90%. Antes eles falaram que nós não tínhamos peito, que nós não éramos homens para fazer greve. Aí mandaram uma carta no sábado, que o Jaime leu para nós, que eles concordavam pagar 90%, mas que nós não fizéssemos greve. Mas só que a assembleia

[58]Relatório de 05/03/1964. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.

[59]Existe uma referência dessa assembleia no Relatório de 05/03/1964. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. In: Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo. Entretanto, no documento do DEOPS foi registrado que essa assembleia ocorreu no estádio e não no Ginásio.

> já estava marcada no ginásio Aí domingo de manhã nós fomos na assembleia. O Jaime leu a carta da Dedini, tudo o que a Dedini falou, "nós estamos prontos a pagar os 90% que vocês estão reivindicando, o grupo Dedini paga..."O Jaime falou: mas só tem um porém, que as empresas pequenas não pagam, não querem pagar, eles querem um outro acordo. Aí ele pôs em votação. A maioria... É, 95% era tudo trabalhador da Dedini. 5% que era das outras empresas e parecia pouco em assembleia. Aí ele pôs em votação e a maioria... Sabe como é que é, vamos ajudar as empresas pequenas; e optaram para greve. Eu não podia votar, porque eu era diretor, então estava mais na frente. Até quem não queria greve, bastante gente votou. Mas a maioria venceu, não é? Então nós saímos para a greve[60].

A apropriação de espaços como ginásios de esporte ou os estádios de futebol não foi uma originalidade do movimento operário piracicabano. Em diferentes épocas a classe obreira tomou as arquibancadas dos centros esportivos, com diferentes finalidades. No ano de 1945, o Partido Comunista organizou um grande comício no Estádio do Pacaembu, na capital paulista, para comemorar a anistia de um importante líder do partido. O comício denominado "São Paulo à Luís Carlos Prestes" contou com a presença de centenas de operários e camponeses do interior do estado e, de acordo com os relatórios do DEOPS alguns metalúrgicos piracicabanos participaram desse evento[61]. O Estádio São Januário, no Rio de Janeiro, também foi palco de muitas comemorações do Dia do Trabalho[62] e se eternizou na história e memória da classe trabalhadora pelos desfiles e os pronunciamentos de Getúlio Vargas durante o Estado Novo[63]. Em Piracicaba, registros iconográficos preservados pelo Instituto Histórico e Geográfico retratam que, durante a década de 1960, o estádio de futebol também foi escolhido para a realização das comemorações do Primeiro de Maio.

[60]Entrevista com o operário metalúrgico Essio Christofolleti, Op Cit.
[61]Relatório de 20/04/1948. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.
[62]MASCARENHAS, Gilmar. "São Januário, essa força estranha". In: Ludopédio. 20 de outubro de 2017. Acesso em 24/10/2019:https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sao-januario-essa-forca-estranha/ MALHANO, Clara; MALHANO, Hamilton Botelho. São Januário: arquitetura e história. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2002.
[63] GOMES, Ângela de Castro. Op Cit.



Encerramento das Comemorações do Dia do Trabalho, ano 1961. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba-SP

Apesar de marcar a memória de muitos operários que participaram da primeira greve metalúrgica do município, e das muitas assembleias e eventos da classe trabalhadora ocorridos neles, o ginásio e os estádios de futebol são lugares comumente celebrados no campo do entretenimento. As lutas e as experiências dos operários nesses espaços são raramente apontadas nos estudos sobre a história do município. Como pudemos observar até aqui, os lugares de memória do mundo do trabalho não estiveram circunscritos ao ambiente fabril e, muitas vezes, os trabalhadores se apropriaram de espaços menos populares que o estádio de futebol na intenção de se organizarem. Também existem em Piracicaba registros iconográficos de assembleias operárias em alguns importantes teatros, frequentados pela elite piracicabana, como o da *Societá Italiana di Mutuo Socorso,* citada na fala do operário apresentada nesse texto, e o São José.

O teatro São José foi inaugurado em 11 de julho de 1927. Seu proprietário foi o Coronel Barbosa Ferraz, mas, ao longo do tempo, a sua administração passou por diferentes empresas. Desde o princípio, o teatro foi ostentado pela imprensa da cidade como o maior e mais luxuoso de Piracicaba; jornalistas salientaram os afrescos no teto feito pelo pintor Bruno Sercelli, responsável por importantes obras no interior paulista, e também o amplo espaço capaz de acomodar aproximadamente duas mil pessoas. Logo no ano de sua inauguração, passou a abrigar projeções cinematográficas, e em 1929 o *Jornal de Piracicaba* destacou o pioneirismo da cidade ao implantar o cinema sonoro no cineteatro. Até aquele momento, com exceção da capital, apenas a cidade de Santos possuía

espaços capazes de apresentar filmes e sons sincronizados[64]. Na matéria publicada um dia após a primeira exibição sonora é possível observar o significado que o teatro possuía para aqueles que podiam frequentá-lo, a elite piracicabana:

> Foi, como previámos, um sucesso em toda a linha a inauguração do cinema sonoro, realizado [sic] ontem, no Teatro São José. O vasto e luxuoso centro de diversões da Empresa A. Campos e Cia. apresentava um aspecto formidável e imponente, que se coadunava soberbo com a majestade da inauguração a que Piracicaba assistiu. Nem um só lugar vago. Uma enchente fantástica. Assistentes de pé em toda parte onde houvesse um espaço. [...][65]

Vasto, luxuoso, imponente foram recorrentes adjetivos usados pela imprensa do município para se referir ao São José. Em 1960, o cineteatro foi vendido ao Clube Coronel Barbosa (CCB). Este clube foi fundado em 1940, três anos após a morte Coronel Barbosa Ferraz, como uma homenagem de amigos ao Coronel que frequentava o Clube Piracicabano, conhecido na cidade desde o início do século XX por reunir membros da alta sociedade do município. Após a venda, o espaço sediou festas, bailes e shows, alguns deles de famosos nomes da música brasileira, como o de Roberto Carlos em 1972[66]. Tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, CODEPAC, e referência na história e na memória da elite local, o teatro São José foi ocupado por dezenas de operários durante a década de 1960. Nele, foi realizada uma grande assembleia dos trabalhadores metalúrgicos, como é possível observar em algumas fotografias preservadas pelo sindicato:

[64]ALMEIDA, Natasha Hernandez, Teatro e cinema em Piracicaba: a história do Cine São José; Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Anais (online). Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual

[65]Jornal de Piracicaba, Piracicaba, 25 out, 1929. Biblioteca Municipal de Piracicaba, Piracicaba, SP.

[66]ALMEIDA, Natasha Hernandez, Op Cit.



Assembleia dos trabalhadores metalúrgicos no Teatro São José – Arquivo Histórico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP..

Foi no teatro São José, como é possível verificar na fotografia acima, que os operários piracicabanos prestaram homenagem à Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de São Paulo. A faixa pendurada no batente do camarote chamou a atenção do fotografo, e não apenas saudou o órgão estadual, como também selou relações importantes dos metalúrgicos com a organização paulista. Desde a década de 1950 o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba era filiado à Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo e a entidade estadual auxiliou financeiramente o sindicato piracicabano em inúmeros momentos[67]. Na década de 1960 o presidente do sindicato Jaime Cunha Caldeira foi também tesoureiro da federação, estreitando ainda mais o vínculo entre as duas entidades[68]. Homenagens como essa prestada no teatro São José, portanto, compuseram as experiências que conectavam o movimento sindical piracicabano à capital.

Experiências semelhantes foram vividas por operários no teatro da *Societá Italiana di Mutuo Socorso,* já citada nesse trabalho. Os imigrantes italianos que fundaram essa associação em 1887 se reuniam inicialmente no bairro Monte Alegre, mas em 1904 ergueram o prédio existente até hoje no centro de Piracicaba[69].

[67]Ata de reunião da diretoria do sindicato, década de 1950. Arquivo Histórico do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[68]Consultar o Acervo da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo. Brochura Piracicaba. Centro de Memória Sindical de São Paulo, São Paulo.
[69]Informações coletadas do site: http://societaitalianapiracicaba.com.br/quem-somos, consultado em 22/05/2020

O edifício é hoje patrimônio histórico e cultural preservado no município. Inicialmente, como muitas sociedades de mútuo socorro com perfil étnico construídas no século XIX, tinha como objetivo prestar auxílio aos sócios emigrados da Itália que se estabeleceram em Piracicaba. Hoje, no entanto, é um espaço cultural do município e oferece cursos do idioma italiano, promove eventos artísticos e auxilia na obtenção da cidadania aos descendentes de italianos residentes em Piracicaba. Diferente de algumas sociedades italianas de mútuo socorro atuantes na capital e que foram formadas por trabalhadores qualificados ou pequenos artesãos[70], a *Societá Italiana di Mutuo Socorso de Piracicaba,* ao longo de sua trajetória, teve a maioria dos membros de sua diretoria composta por pessoas geralmente ligadas às atividades produtivas urbanas na condição de proprietários ou profissionais liberais[71]. O próprio industrial Mário Dedini participou da entidade. Apesar de uma história intimamente relacionada à elite piracicabana, fontes iconográficas apontam que, na década de 1960, a sociedade foi ocupada por operários que ali realizaram suas assembleias para tratar de temas como o reajuste salarial.



Assembleia dos trabalhadores metalúrgicos na *Societá Italiana di Mutuo Socorso* durante a década de 1960. Arquivo Histórico dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

[70]BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. Tempo [online]. 2012, vol.18, n.33, pp.075-104. ISSN 1413-7704.http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042012000200004.
[71]TERCI, Eliana Tadeu,1997. Op. Cit

Outro espaço importante de encontro dos operários piracicabanos no início da década de 1960 foi a Sociedade Beneficente 13 de Maio. Fundada em 1901, é a segunda associação negra mais antiga do Brasil[72], e constituiu-se em um espaço de defesa social e um local de lazer e preservação cultural dos negros no município. A inauguração da sede própria ocorreu em 1948. O edifício foi construído na Rua 13 de Maio 1118[73]. Hoje o prédio é tombado pelo CODEPAC. A presença negra não foi majoritária entre os trabalhadores metalúrgicos de Piracicaba, grande parte deles descendentes de italianos brancos, entretanto, as fontes iconográficas permitem afirmar que os negros também participaram do movimento operário da cidade e o salão da Sociedade Beneficente 13 de Maio se tornou um local de discussão de temas do mundo do trabalho. Nele, ocorreu o III Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de São Paulo. Além das fotografias preservadas pelo sindicato, existem alguns relatórios do DEOPS sobre esse evento que reuniu sindicalistas e operários de todo o estado entre os dias 3 e 8 de Junho de 1963[74]. O principal tema debatido no congresso foi a reforma agrária. O assunto era bastante discutido por toda a sociedade no início da década de 1960[75], mas para os metalúrgicos piracicabanos esse tema possuía uma importância particular: muitos operários imediatamente antes de entrarem na Dedini haviam sido trabalhadores do campo, grande parte deles ainda morava nas zonas rurais e quase todos possuíam parentes que trabalhavam e viviam da lavoura, especificamente a canavieira[76], isso porque, como apontado anteriormente, houve uma verdadeira conjugação do desenvolvimento sucroalcooleiro com o setor metalúrgico no município[77].

[72]A sociedade negra mais antiga do Brasil é o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro localizado na cidade de Jundiaí, fundado em 1897. Ver: Parecer técnico UPPH nº GEI-272-2013. Processo do Condephaat 01097 de 2011. Acervo Cecílio Elias Neto. ICEM, Piracicaba, SP.

[73]OLIVEIRA, José Flávio de. TERCI, Eliana Tadeu. Sociedade Beneficente 13 de Maio: Memória e Cidadania. Universidade Metodista de Piracicaba. Núcleo de Pesquisa e Documentação Regional. Piracicaba, 1991. Acervo Cecílio Elias Neto. ICEM, Piracicaba, SP.

[74]Relatório de 09/06/1963. Dossiês Delegacia do Interior. Nº da Pasta OS0741. Piracicaba Pasta 01. Acervo Textual DEOPS. Repositório Digital. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.

[75]WELCH, Clifford Andrew, A semente foi plantada, as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil 1924-1964. São Paulo: Editora: expressão Popular. 1º Edição. 2010.

[76]JUNQUEIRA, Fabiana R de A, Op Cit.

[77]SAMPAIO, Silvia Selingardi, Op Cit.



III Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos do Estado de São Paulo, realizado na Sociedade 13 de Maio em Piracicaba no ano 1963. Arquivo Histórico dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

Na década de 1960 os metalúrgicos e os trabalhadores das usinas começaram a construir os edifícios que sediam até hoje os seus sindicatos. A sede oficial do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos está localizada na Rua Prudente de Moraes, 914 e do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação na Rua Moraes Barros 411, ambos no centro de Piracicaba. Entre as décadas de 1970 e 1980 as duas categorias construíram seus clubes recreativos, os metalúrgicos na avenida Dois Córregos 3110, no Bairro Glebas Natalinas, e os trabalhadores da alimentação na Rua João Pedro Corrêa 1777, no Bairro Santa Terezinha.

O movimento operário e sindical das décadas de 1970 e 1980 era bastante distinto daquele do início do século XX, por onde começamos esse texto. Se nas primeiras décadas os trabalhadores realizavam piqueniques entre si nas suas parcas horas vagas, e os comícios, que ocorriam geralmente em momentos de greve, contavam comumente com a presença exclusiva de operários, nos anos 1980 os trabalhadores organizavam Festas-Comícios[78]. Nesses eventos, eram oferecidos grandes shows, com a participação de famosos cantores e atores, e deles participavam pessoas de variadas profissões, não apenas operários das fábricas[79]. A festa, mais que um entretenimento, era um momento em que os operários ouviam suas lideranças nos mesmos palcos construídos para as apresentações artísticas. A construção dos clubes recreativos dos sindicatos em Piracicaba, que contavam com amplos salões para essas grandes festas, piscinas e quadras de futebol,

[78]HARDMAN, Francisco Foot. Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo, Editora Unesp, 2002.
[79]Idem.

compuseram essas novas formas de lazer e também de luta da classe obreira. Durante todo o século XX houve celebrações no interior do movimento operário e sindical, entretanto, os grandes eventos possibilitados pela construção do clube recreativo foram marcantes a ponto de alguns trabalhadores relacionarem as festas apenas ao advento do clube, nas palavras de outro operário piracicabano:

> As festas começaram bem depois, porque o clube mesmo foi em 1970, foi comprada a área do clube. Quando foi em 1980 inaugurou a piscina. E de lá pra cá vem fazendo...[80]

Os prédios próprios do movimento sindical materializam a presença obreira no cenário urbano do município até hoje, mas também transformaram os lugares de memória da classe trabalhadora. Em 1945 os metalúrgicos realizaram a comemoração do Primeiro de Maio na praça pública[81], em 1961 no estádio de futebol. Com a construção do clube recreativo, essa data passou a ser celebrada no interior dos edifícios do sindicato e as categorias passaram a se reunir cada vez menos nos hotéis, teatros, estádios ou ginásios de esportes.



Construção da sede administrativa do sindicato dos metalúrgicos de Piracicaba. Arquivo Histórico dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.



Sede administrativa do sindicato dos metalúrgicos de Piracicaba na década de 1990. Arquivo Histórico dos Metalúrgicos dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

[80]Entrevista com o operário metalúrgico Elírio Oriani. A gravação e a transcrição dessa entrevista são de acesso público e podem ser consultadas no Arquivo Histórico do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.
[81]Prontuário 35452. Acervo DEOPS. Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.



Construção do salão Clube Recreativo do sindicato dos metalúrgicos de Piracicaba – Arquivo Histórico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.



Vista aérea do Clube Recreativo do sindicato dos metalúrgicos de Piracicaba. Arquivo Histórico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Piracicaba, Piracicaba, SP.

Para o historiador inglês E. P Thompson, a classe acontece quando:

> alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem, e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem dos seus[82].

Os espaços são parte intrínseca às reuniões dos trabalhadores e neles os operários têm vivências que, paulatinamente, constroem a consciência de classe trabalhadora. Foram nos diferentes salões, ruas, praças ou fábricas que se contrapuseram a uma outra classe, a dos patrões, cujos interesses diferiam dos seus. Em Piracicaba, os engenhos e as metalúrgicas, além dos outros lugares de memória citados nesse artigo, contam parte da história do município. Longe de ser uma cidade marcada apenas pelas fazendas de café, no início do século XX, Piracicaba era um centro policultor, no qual a cana-de-açúcar servia como uma importante base de sustentação econômica. O município contava também com algumas indústrias e, portanto, com uma diversificada mão de obra. A partir da Segunda-Guerra Mundial a cidade desponta no setor sucroalcooleiro que, unida ao metalomecânico, singularizam o parque industrial piracicabano e permitem o protagonismo de duas categorias operárias: os metalúrgicos e os operários das

[82]THOMPSON, E. P. **A formação da classe operaria inglesa.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. Vol. I, 1987. pp. 10

usinas. Os espaços também revelam as conexões do movimento operário e sindical de Piracicaba com o do restante do Brasil e com o da capital, São Paulo. Em todo o país praças como a da Sé, na metrópole paulista, ou estádios de futebol como o São Januário, no Rio de Janeiro, foram espaços apropriados pelos proletários. Em Piracicaba os obreiros ocuparam o Largo da Matriz em 1917 e o estádio de futebol nos anos 1960.

Alguns locais ainda existem, outros não mais, dentre aqueles que sobreviveram, poucos são lembrados pela experiência que ali tiveram os trabalhadores, mas cada fábrica, estação ferroviária, teatro ou centro esportivo foi um local de trocas de ideias, de luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho e, principalmente, são vestígios da história de homens e mulheres que sonharam com uma sociedade mais justa do que aquela em que viviam...

RECEBIDO em 15/03/2021
APROVADO em 25/05/2021

BIBLIOGRAFIA

Livros:
BATALHA, Claudio. **O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.**

BILAC, Maria Beatriz Bianchini; MAESTRELLO, Ana Paula Vedovato; PADILHA, Danieli Alves; TERCI, Eliana Tadeu. Piracicaba A aventura desenvolvimentista (1950-1970). Piracicaba: UNIMEP, 2001.

BILAC, Maria Beatriz Bianchini; TERCI, Eliana Tadeu. **Piracicaba: de centro policultor a centro canavieiro 1930-1950**. Piracicaba: Núcleo de Pesquisa e Documentação Regional; FAP/PIBIC-CNPq, 2001.

BIONDI, Luigi. **Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BIONDI, Luigi; TOLEDO, Edilene. **Uma revolta urbana: a greve geral de 1917 em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

DUARTE, Adriano Luiz. **O direito à cidade: trabalhadores e cidadãos em São Paulo (1942-1953).** São Paulo: Alameda, 2018.

FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história: debate e crítica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, 1988.
GUERRINI, L. **História de Piracicaba em quadrinhos**. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1970.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil**. São Paulo, Editora Unesp, 2002.

LEÂO, Regina Machado. Dedini: **A força de um ideal**. Piracicaba: Pancron Indústrias Gráficas, 2005

LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta. A greve geral Anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

MARCONDES, Neide. **Na trilha do passado paulista. Piracicaba no século XIX. Fazendas, Engenhos e Usinas.** Piracicaba: Editor Degaspari. 2008.

MARTINS, Carlos Roberto Sodero; NETTO, Samuel Pfromm. **Pena, Escudo e Lança: Cem anos do Jornal de Piracicaba.** Piracicaba: Editora FORPAP, 2000.

MALHANO, Clara; MALHANO, Hamilton Botelho. **São Januário: arquitetura e história**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2002.

MIALHE, Jorge Luís. **Cidadãos de dois mundos. O Engenho Central e a imigração francesa na região de Piracicaba.** Piracicaba: Biscalchin Editor, 2012

NEME, Mário. **História da fundação de Piracicaba**. Piracicaba: João Mendes da Fonseca, 1943.

NETTO, Cecílio Elias. **Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

NEGRI, Barjas. **Estudo de Caso da Indústria Nacional de Equipamentos-Análise do Grupo Dedini (1920-1970).** Piracicaba: Editora Equilíbrio; Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2010.

PERECIN, Marly Therezinha Germano**. A síntese urbana (1822-1930).** Piracicaba: Equilíbrio; Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1989.

PETRONE, Thereza Sherer. **A lavoura canavieira em São Paulo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, v. 3.

SPERANZA, Clarice Gontarski (org.). **História do Trabalho: entre debates, caminhos e encruzilhadas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

TERCI, Eliana Tadeu (org.). **O Desenvolvimento de Piracicaba. História e Perspectivas.** Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

TORRES, Maria Celestina Mendes. **Piracicaba no século XIX**. Piracicaba: Editora Equilíbrio/Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operaria inglesa.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. Vol. I, 1987.

WELCH, Clifford Andrew, **A semente foi plantada, as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil 1924-1964.** São Paulo: Editora: expressão Popular. 1ª Edição. 2010.

VICENTINI, Beatriz (org.). **Piracicaba 1964. O Golpe militar no interior.** Piracicaba: Editora UNIMEP. 2014.

ARTIGOS:

ALMEIDA, Natasha Hernandez, Teatro e cinema em Piracicaba: a história do Cine São José; Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Anais (online). Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual

BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. *Tempo* [online]. 2012, vol.18, n.33, pp.075-104. ISSN 1413-7704.http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042012000200004

CANABRAVA, Alice; TEIXEIRA, Mendes M. A região de Piracicaba. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. 4, nº 45, p 275-338, 1938.

FERRAZ, Eduardo L. L. Acidentados e remediados: a lei de acidentes no trabalho na Piracicaba da Primeira República (1919-1930). Revisa Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 206-235, 2010.

JUNQUEIRA, Fabiana R de A. O movimento operário no interior paulista: uma análise das greves de 1917 e 1919 em Piracicaba. Mundos do Trabalho, Florianópolis | v. 12 | p. 1-21 | 2020.

TERCI, Eliana Tadeu. Urbanização e poder: Elites políticas e modernização de Piracicaba na I República. Revista eletrônica de História do Brasil, volume 09, número 01, jan-jul de 2007.

TESES E DISSERTAÇÕES:

ALBUQUERQUE, Caio Rodrigo. Notícia impressa versus história de vida: o jornalismo e o relato de testemunhas do regime militar em Piracicaba. Dissertação de Mestrado apresentado a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2002.

PACANO. F. A. O Forjar da Modernidade: Piracicaba e a Belle Époque Caipira (1989-1930). Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociência e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, 2018.
PERES, Maria Thereza Miguel Peres. O colono de cana na modernização da Usina Monte Alegre: Piracicaba (1930-1950). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

QUEDA, Oriowaldo. A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista. Tese de doutoramento apresentado à Esalq/USP. Piracicaba, 1971.

SAMPAIO, Silvia Selingardi. Geografia Industrial de Piracicaba: um exemplo de interação indústria – agricultura. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1973.

SZWRECSANYI, Támas. Contribuição à análise do planejamento da agroindústria canavieira no Brasil. Tese de Doutoramento apresentado à UNICAMP. Campinas, 1976.

TERCI, Eliana Tadeu. A cidade na Primeira República: imprensa, política e poder em Piracicaba. Tese (Doutorado) apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.